



# A FUNÇÃO DE PROVÉRBIOS 9:8-12 E O CONTRASTE POÉTICO ENTRE A SABEDORIA E A LOUCURA

HENRIQUE KRITKOVSKI ROQUE<sup>1</sup>  
FELIPE ALVES MASOTTI<sup>2</sup>

**Resumo:** O temor do Senhor é o elemento central no capítulo 9 de Provérbios e media a apresentação de duas alegorias, a saber: a personificação da sabedoria e a personificação da loucura. Protagonista e antagonista atuam no mesmo episódio ou capítulo, e ambos estão interligados. O artigo presente tem como objetivo analisar, utilizando ferramentas exegéticas, a estrutura literária de Provérbios 9:8-12, onde o termo “temor do Senhor” está inserido, verificando as conexões com os versículos anteriores e posteriores. Nesta análise, a relação entre a expressão “temor do Senhor” e as duas alegorias do capítulo é estudada. O roteiro adotado analisa os bastidores, personagens, primeiro ato, entreatos, segundo ato e desfecho de Provérbios 9 e constata que o trecho central (9:8-12) não é independente, acidental ou aleatório como afirmam alguns comentaristas. Assim, o trabalho conclui que esta seção é parte integrante da interligação natural existente entre os três trechos do capítulo 9.

**Palavras-chaves:** Temor do Senhor. Provérbios. Sabedoria.

## THE FUNCTION OF PROVERBS 9:8-12 AND THE POETIC CONTRAST BETWEEN WISDOM AND MADNESS

**Abstract:** The fear of the Lord is the central element in chapter 9 of Proverbs and mediates the presentation of two allegories, namely: the personification of wisdom and the personification

<sup>1</sup> Graduando em Bacharel em Teologia na Faculdade Adventista do Paraná (FAP, Ivatuba-PR). E-mail: henrique.historia@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Exegese do Antigo Testamento (PhD., Andrews University). Professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR. E-mail: femasotti@yahoo.com.br

of madness. Protagonist and antagonist act in the same episode or chapter and both are interconnected. The present article aims to analyze, using exegetical tools, the literary structure of Proverbs 9:8-12, where the term “fear of the Lord” occurs, verifying the connections with the previous and subsequent verses. In this analysis, the relationship between the expression “fear of the Lord” and the two allegories of the chapter is studied. The adopted script analyzes the backstage, characters, first act, inter-acts, second act, and outcome of Proverbs 9 and finds that the central section (9:8-12) is not independent, accidental or random as some commentators claim. Thus, the work concludes that this section is an integral part of the natural interconnection existing between the three sections of chapter 9.

**Keywords:** Fear of the Lord. Proverbs. Wisdom.

## 1. Introdução

O presente estudo tem o objetivo de analisar a função de Provérbios 9:8-12. Esta seção centraliza a expressão “o temor do Senhor” em Provérbios 9 através do contraste poético entre a sabedoria e a loucura. Este estudo busca identificar a função estrutural do capítulo 9:8-12, legitimando seu espaço e sua inserção no livro de Provérbios. O objetivo responde à teoria levantada por alguns estudiosos, como Barton e Muddliman (2019, p. 412), Chapman *et al.* (2005, p. 379) e Horne (2003, p. 133), que propõem que esta seção seria uma interpolação textual posterior. Assim, o objeto de pesquisa é descobrir a função de Provérbios 9:8-12 no contexto entre a Sabedoria e a Loucura. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica com auxílio de ferramentas exegéticas. A escolha da temática emergiu a partir das leituras, debates sobre o temor do Senhor e a admiração pelo tema do ensino como expresso no livro de Provérbios.

## 2. O Temor do Senhor

O capítulo 9:10 de Provérbios apresenta o seguinte: “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência.” Esse versículo está contido dentro da perícopos de Provérbios 9:8-12. A passagem está organizada como uma estrutura de paralelismo inverso (ver Osborn, 2009, p. 293-294). De acordo com Stuart e Fee (2011, p.196), o quiasmo consiste em “um padrão de palavras ou conceitos em que o primeiro e o último são similares, o segundo e o penúltimo são similares etc., facilitando a memorização”. A estrutura quiasmática verificada segue o critério  $A^1-B^1-C-B^2-A^2$  (Osborn, 2009, p. 66). Esse padrão é observado na perícopos selecionada.

### 2.1. Estrutura em Paralelismo: Nos Bastidores

Um dos aspectos significativos para uma compreensão do texto é levar em conta as especificidades da estrutura literária. A maneira como a disposição das palavras e versículos estão elaborados evidenciam uma ação intencional do escritor bíblico. A relação interna dos vocábulos e orações como seus conectivos, aliada à sua posição na passagem, pode ter a capacidade de afetar fortemente a compreensão do texto (Stuart; Fee, 2011, p. 71).

Uma observação detida de Provérbios 9:8-12 possibilita encontrar conexões entre o versículo 8 e o 12, como também entre os versículos 9 e 11. O fato permite afirmar que o versículo 10 está no centro do quiasmo local ao redor do qual toda a perícopos gravita.

Na **Tabela 1** apresenta-se o primeiro grupo de paralelismos inversos verificado:

**Tabela 1:** Primeiro Paralelismo Inverso

| Provérbios 9        | Paralelismo Inverso/Português  | Paralelismo Inverso/Hebraico                     |
|---------------------|--|--|
| <b>Versículo 8</b>  | A Não repreendas o <u>escarnekedor</u> ,<br>B para que <b>te</b> não aborreça;<br>A <sup>1</sup> repreende o <i>sábio</i> ,<br>B <sup>1</sup> e ele te amará | אל-תוכח לץ<br>פן-ישנאך<br>הוכח ל'הקם<br>וילאךבך: |
| <b>Versículo 12</b> | A Se és <i>sábio</i> ,<br>B para <b>ti</b> mesmo o és;<br>A <sup>1</sup> se és <u>escarnekedor</u> ,<br>B <sup>1</sup> tu só o suportarás.                   | אם-הכמת<br>הכמת לך<br>אלצת<br>לבדך תשא:          |

**Fontes:** Bíblia (1999, p. 444); Bíblia Hebraica (1997, p. 1286).

Tanto no versículo 8 quanto no versículo 12 aparecem os termos (הָזָהָם) “sábio” e (לֵץ/לְצַת) “escarnekedor”. O contraste entre a sabedoria e o escárnio perpassa todo o livro de Provérbio, e ambos os versículos dialogam a respeito dessa evidente polarização. Waltke (2013, p. 562) defende que a relação entre o sábio e o escarnekedor depende da disposição do último em aprender pois o sábio anela que a repreensão cumpra o objetivo restaurador daquele que aborrece. Já Horne (2003, p. 136) afirma que o texto sugere ao leitor que a principal diferença entre as duas categorias descritas é o potencial para ser ensinado. Doukhan (2013, p. 42) salienta que o ódio e o amor são reações divergentes à crítica ou à repreensão do sábio que ensina, pois enquanto um sábio está aberto à correção e ao aprendizado, o escarnekedor se fecha ao ser confrontado.

Existe outro argumento favorável à ligação entre os versículos 8 e 12. Trata-se do pronome (ךָ) significando você ou tu em sua forma sufixal, que também se destaca nos dois versículos citados. Esse pronome envolve o leitor ativamente fazendo com que ele seja participante do texto. Ao se dirigir de maneira tão direta, o autor transporta o seu público-alvo para sua narrativa, ainda que o texto siga o gênero de poesia sapiencial. O convite que o escritor faz para sua audiência é de suma relevância pois evidencia a aproximação que o texto quer ter com o leitor. Segundo Clarke (1996, p.1724), o maior beneficiário das instruções e doutrinas contidas no livro sapiencial é o leitor, visto que recusar as bênçãos advindas de Deus gera uma vida de sofrimento para o próprio. Ademais, Clifford (1999, p. 107) indica que o leitor está diante de duas condutas contrastantes. Este, ao analisá-las, deve decidir qual será a sua escolha e arcar com suas consequências. Assim, Kidner (1980, p. 79) revela que a sabedoria ou a estultícia andam ao lado do observador atento. A reação do leitor frente à crítica, repreensão e correção surge da familiaridade com os sábios, que amam, ou com os escarnekedores, que odeiam.

Na **Tabela 2** apresenta-se o segundo grupo paralelismos inversos observado:

**Tabela 2:** Segundo Paralelismo Inverso

| Provérbios 9        | Paralelismo Inverso/Português  | Paralelismo Inverso/Hebraico                        |
|---------------------|--|---|
| <b>Versículo 9</b>  | A Dá instrução ao sábio,<br>B e ele se fará <u>mais</u> sábio ainda;<br>A <sup>1</sup> ensina ao justo,<br>B <sup>1</sup> e ele <i>crecerá</i> em prudência. | תן לחכם<br>והכפם-עוד<br>הודע לצדיק<br>ויוסף לקח: פ  |
| <b>Versículo 11</b> | A Porque por mim se multiplicam os teus dias,<br>B e anos de vida se te <i>acrescentarão</i> .   | כִּי-בִי ירבו ימִיךָ<br>ויוסיפו לך שָׁנוֹת חַיִּים: |

**Fontes:** Bíblia (1999, p. 444); Bíblia Hebraica (1997, p. 1286).

Já os versículos 9 e 11 revelam uma ideia de soma, crescimento e adição. As palavras (וְעַד), “mais”, e (וְיִרְבֶּה), “crescerá”, fazem um paralelo com (וְיִרְבּוּ), “multiplicam”, e (וְיִוָּסְפוּ), “acrescentarão”. Ambos os versículos demonstram acréscimo e, quer seja relacionado à sabedoria ou à vida, o bom observador pode verificar a abundância como elemento convergente contida nos versículos correspondentes. Evans (2019, p. 1045) ressalta que o sábio tem consciência de sua pequenez intelectual, de sua insuficiência diante do vasto campo de conhecimento existente e deseja ardentemente multiplicar sua experiência com a sabedoria. Lopes (2016, p. 152-153) destaca que o sábio tem uma forte aspiração ao crescimento tanto na graça quanto em sabedoria, além de ser alguém “ensinável” em todos os campos do conhecimento.

Outro fato considerável nos dois versículos citados é a ausência do escarnecedor. Parece que quanto mais próximo ao versículo alusivo ao “temor do Senhor”, menos espaço há para aqueles que consideram com desdém o conhecimento do Santo de Israel. Não há menção ao zombador, pois o foco é o sábio e os benefícios de um estilo de vida onde a sabedoria se concretiza. Como declara Wiersbe (2010, p. 374): “Os pecadores rejeitam a repreensão e a reprovação, mas os sábios aceitam ambas e se beneficiam delas. Os néscios, escarnecedores e loucos preferem fazer as coisas a seu modo e ouvir os outros dizerem que estão certos, mas os sábios querem ouvir a verdade.” Assim, o escarnecedor ou zombador é tirado de cena e os holofotes são mirados no sábio, que é aquele favorecido pelas bênçãos da proximidade com o temor do Senhor.

Assim como a perícopes analisada indica um paralelismo, o versículo 10 também revela um paralelismo (ver Carro; Poe, Zorzoli, 2005, p. 2607-2608). O versículo central apresenta um paralelismo sinonímico. O temor corresponde ao conhecimento, assim como Senhor é sinônimo de Santo, e o princípio da sabedoria está ligado à prudência. Na **Tabela 3** indica-se o terceiro paralelismo averiguado:

**Tabela 3:** Paralelismo Sinonímico

| Provérbios 9        | Paralelismo Sinonímico/Português  | Paralelismo Sinonímico/Hebraico                                   |
|---------------------|---|---|
| <b>Versículo 10</b> | A O <u>temor</u> do <b>SENHOR</b> é o <i>princípio da sabedoria</i> ,<br>B e o <u>conhecimento</u> do <b>Santo</b> é <i>prudência</i> . | תְּהִלַּת הַחָכְמָה יִרְאַת יְהוָה<br>וְדַעַת קְדוֹשִׁים בִּינָה: |

**Fontes:** Bíblia (1999, p. 444); Bíblia Hebraica (1997, p. 1286).

De maneira didática e visual, o paralelismo inverso da perícopes analisada é representado nesse esboço simétrico abaixo:

### Esboço simétrico

- A. Escarnecedor versus sábio (v. 8)
- B. Mais e crescerá (v. 9)
- C. O temor do Senhor é o princípio da sabedoria (v. 10)
- B<sup>1</sup>. Multiplica e acrescenta (v. 11)
- A<sup>1</sup>. Escarnecedor versus sábio (v. 12)

## 2.2. Personagens da Narrativa: Ilustres Coadjuvantes

A narrativa do capítulo 9 de Provérbios trata-se de uma alegoria, não de uma parábola (ver Stuart; Fee 2011, p. 179-185; Sellin; Fohrer, 2007, p. 439-440). O capítulo apresenta 18

versículos. Os primeiros seis versículos dizem respeito à personificação da Sabedoria e são escritos em forma de alegoria (ver Vanhoozer, 2005, p. 43-47). Igualmente, os seis últimos versículos salientam a personificação da Loucura e também são escritos em forma de alegoria. Waltke (2013, p. 550) ressalta que “os convites das duas mulheres são estrutura de forma quase idêntica numa estrutura alternada (v. 1-6, 13-18).”

Como toda história, esta possui personagens centrais e periféricos, que serão identificados dentro do próprio texto selecionado. Segundo Stuart e Fee (2011, p. 110), em sua grande maioria as narrativas compõem três elementos imprescindíveis, que são os personagens, o enredo e o desfecho, e seguem definições literárias tradicionais incluindo protagonista, antagonista e coadjuvantes. Assim, é necessária uma breve ponderação sobre os agentes envolvidos na narrativa selecionada.

O primeiro indivíduo a ser analisado é o “simples” ou “nécio” (פְּתִי), que também pode ser traduzido como ingênuo ou imaturo, segundo Harris, Archer e Waltke (1998, p.1268). Os mesmos autores indicam que a palavra “simples” (פְּתִי) em hebraico não significa uma pessoa humilde, mas alguém que ingenuamente acredita em qualquer coisa. Ele entra em cena por três vezes no capítulo, sendo sua aparição notada nos versículos 4, 6 e 16. Conforme Ellisen (1993, p. 186), ele “é a pessoa ingênua, um tanto inocente, destituída de entendimento, que se deixa levar facilmente. E ingênua do ponto de vista moral, fácil presa para propagandistas, com enorme necessidade de ser orientada para não cair nas ciladas da vida”.

A próxima pessoa é o perverso ou ímpio (רָשָׁע). Ele não tem falta de experiência e muito menos ingenuidade. Tem uma passagem rápida e pálida pelo texto, surgindo e desaparecendo no versículo 7. Está mais para figurante do que coadjuvante. Como declaram Harris, Archer e Waltke (1998, p. 1457):

Em contraste com *tsdq*, a raiz denota o comportamento negativo de pensamentos, palavras e ações más, um comportamento contrário não somente ao caráter de Deus, mas também hostil à comunidade e que, ao mesmo tempo, revela a falta de harmonia e a agitação existentes no interior do homem.

60

A terceira figura considerada é o escarnecedor ou zombador (צַדִּיק). O texto parece apresentar ele como um ser debochado e sarcástico. Sua voluntariedade para rebelar-se contra a sabedoria e as coisas relacionadas a Deus são a tônica de sua existência. Ele compõe o cenário três vezes nos versículos 7, 8 e 12 do capítulo 9. Clarke (1996, p. 1723) ressalta que o escarnecedor possui características morais duvidosas, evidenciando libertinagem como também infidelidade, além de possuir uma inteligência que transforma as coisas mais sérias em zombaria e gracejo.

O quarto coadjuvante é o justo (צַדִּיק). Ele tem uma participação especial curta, porém significativa. Revela-se uma pessoa maleável, atenciosa e disposta ao ensino. O contraste deste em relação aos três últimos personagens é vívido. Ainda que ele somente surja no versículo 9, contribui para a narrativa do texto. Os que ensinam o justo e o sábio recebem consideração, respeito e amor, além da convicção de um trabalho eficaz e produtivo (Yoder, 2009, p. 154). Champlin (2018, p. 2582) afirma que “o homem justo certamente não é perfeito, mas tem certa maturidade que está aprimorando”. Logo, o justo tem um relevante papel dentro da narrativa pois ele é um sábio em potencial.

Já o último indivíduo que participa ativamente é o sábio (חָכָם). Ele atua na trama por três vezes. Sua aparição acontece nos versículos 8, 9 e 12. A disparidade com o escarnecedor faz do sábio um importante elemento dentro do enredo do capítulo 9. No Antigo Oriente Próximo, o sábio atuava como um pai para os estudantes, um professor que instrua através do exemplo e lidava com o conhecimento acumulado pela experiência (Walton, 2003, p. 579). MacDonald

(2011, p. 547) argumenta que o sábio é aquele que pondera, pensa, analisa os fatos e, assim como o justo, prossegue crescendo em maturidade. Assim, em última instância, o sábio é o coadjuvante que mais atua ativamente no palco.

### 2.3. A Sabedoria entra em cena: Ato I

A Sabedoria entra em cena em Provérbios 9:1. Ela adquire atributos humanos, gênero definido e é descrita laborando. Sua casa é edificada por ela mesma. Alguns autores acreditam que essa poderia ser uma escola (ver Brown; Fitzmyer; Murphy, 2007, p. 903). Não há passividade, tampouco procrastinação em sua diligente tarefa. Ela é retratada como uma mulher que constrói e não destrói. Seu trabalho minucioso de lapidação das sete colunas de sua casa revela sua disposição para lidar com situações complexas. Sobre as sete colunas, Walton *et al.* (2018, p. 732) afirmam:

Muitas teorias foram elaboradas para explicar o significado das sete colunas da morada da sabedoria. Entre elas estão: o firmamento dos céus, os planetas, os dias da Criação, os livros da lei e os sete sábios da antiga Mesopotâmia. E, ainda, a Epopeia ugarítica de Baal e Anat contém uma referência ao lugar da habitação do grande deus El. O texto diz que ele habita “nos sete aposentos da sabedoria, os oito salões do julgamento”.

Ainda sobre as sete colunas, Radmacher e Allen (2010, p. 956) argumentam que “nesta expressão, o número sete representa a completude, conforme é comum na poesia semítica”. Os verbos “edificou” (בִּנְתָהּ) e “lavrou” (הִצְבֵּתָהּ) apresentados na terceira pessoa somados a impessoalidade sugerem um narrador para a alegoria.

O versículo subsequente transporta o leitor para um espaço onde a Sabedoria encarrega-se dos preparativos para uma festividade ou banquete. Para Waltke (2004, p. 456) a festa evidencia a grande posição da Sabedoria na sociedade e ressalta a hospitalidade dispensada aos seus convidados. Os dois itens alimentícios selecionados por ela são iguarias de alto valor. Longman III e Garland (2008, p. 169) enfatizam que “as figuras da carne e do vinho representam o bom ensinamento da Sabedoria que será palatável e rentável”. É evidente que a carne e o vinho eram componentes da refeição apenas em dias especiais. De acordo com Koptak (2003, p. 283), o banquete era suntuoso porque o vinho e a carne não eram comidas para um camponês. Ademais, o corte da carne fala mais sobre a opulência da refeição do que qualquer ritual de adoração. O narrador detalha a pluralidade de animais abatidos, indicando uma enorme mesa com fartura.

Deliberações e planejamentos são as principais atividades da Sabedoria em Provérbios 9:3. Ela organiza, sistematiza e designa uma ordem direta para suas funcionárias. Murphy (1998, p.123) acrescenta que a Sabedoria possui autoridade e diligência para liderar as servas que estão ao seu dispor. Contudo, é difícil distinguir no texto se ela acompanha as servas aos pontos mais altos da cidade ou apenas as instrui a estender convites personalizados para um público específico. Em relação ao convite, Koptak (2003, p. 283) argumenta: “Preparados os preparativos, ela envia suas criadas, que fazem o convite em nome de sua senhora desde os lugares altos da cidade.” Ou seja, a Sabedoria não convida pessoalmente, mas remete seus convites através de suas criadas. Já para Barton e Muddliman (2019, p. 411), a Sabedoria é quem faz ecoar seu convite. Logo, esses autores supõem que ela de maneira ativa chama seus convidados presencialmente.

O primeiro discurso, seja de suas criadas ou da própria Sabedoria, é direcionado para os jovens, inexperientes, aprendizes ou ingênuos. Davidson (1997, p. 1055) acredita que há um local diferenciado na casa dela para essa classe de pessoas que aceitam o chamado. Trata-se de

um cordial convite que visa a aproximação entre a Sabedoria e aquele que carece de entendimento. Segundo Waltke (2013, p. 557), o apelo da Sabedoria precisa ser respondido pela ação de “voltar-se” e se comprometer com sua nova jornada. O pedido torna-se mais direto e peculiar para os que provavelmente desconhecem sua própria falta de prudência.

A Sabedoria revela o cardápio que aguarda seus convivas, a saber, pão e vinho. Kidner (1964, p.91) enfatiza os três verbos presentes no discurso proclamado por ela, a saber, vir (לָכוּ), comer (לֶחֶם) e beber (שָׁתוּ). A Sabedoria é dona de um enorme e irresistível banquete para os desorientados, famintos e sedentos que a ouvem. Por fim, o convite feito ao jovem ou inexperiente apela para que este deixe os outros jovens e se achegue à Sabedoria para receber vida. Nichol (2012, p. 1097) confirma:

Somente quando as pessoas se separam dos costumes e da companhia daqueles que rejeitam aos apelos do Salvador têm a possibilidade de viver de forma plena e satisfatória. Ouvir o convite da sabedoria, comer de seu pão e beber de seu vinho proporcionam ricas recompensas tanto na vida presente quanto no mundo por vir (ver Jo 6:5).

Assim, a oferta da Sabedoria é maior do que produtos alimentícios. Yoder (2009, p. 153) observa que o convite que ela faz para a vida vem acompanhado de um chamado à mudança de caminho, rotina e perspectivas. O que ela oferece ao seu público alvo é o que existe de mais valioso: a vida.

O próximo bloco de texto que se segue, Provérbios 9:7-12, está interligado ao convite da Sabedoria. Duas justificativas corroboram com essa afirmação. Primeiramente, o sábio descrito na segunda perícopes apresenta características já observadas na personificação da Sabedoria. Assim, no versículo 8 é o sábio que decide amar após a repreensão, além de ser aquele que se faz mais sábio no versículo 9, evidenciando uma proatividade análoga à Sabedoria, que edifica sua casa, gerencia suas servas e prepara seu banquete. Por último, o tópico central de Provérbios 9:7-12, como já foi visto no início do artigo, é o temor do Senhor. Deste modo, ao oferecer vida para os seus ouvintes a Sabedoria conecta o temor à vida, pois “o temor do Senhor é fonte de vida”, segundo Provérbios 14:27. Assim, a primeira porção do texto de Provérbios 9 está intimamente relacionada com a segunda.

Todavia, alguns autores consideram a perícopes dos versículos 7-12 do capítulo 9 de Provérbios como um elemento desconexo do capítulo. Barton e Muddliman (2019, p. 412) sugerem que “a seção intermediária (v. 7-12) é digressiva e é considerada por alguns comentaristas como uma intrusão posterior”. Segundo Chapman *et al.* (2005, p. 379), alguns eruditos acreditam que o interlúdio pertence à próxima seção e os versículos 7-12 foram colocados no capítulo 9 por engano.

Seguindo esse raciocínio, Horne (2003, p. 133) salienta que “os versículos 7-12 parecem ser uma intrusão; que ou seja, esses versículos não foram originalmente concebidos para serem uma parte do poema contrastando a Sabedoria da Mulher e a loucura de mulher”. Já Clifford (1999, p. 102) descreve os versículos 7-12 como versículos independentes ou até aleatórios. Para Murphy (1998, p. 122), a perícopes seguinte a ser estudada levanta alguns questionamentos pelas seguintes razões:

A estrutura deste capítulo é clara, mas deixa uma dúvida. Os primeiros seis versículos são dados para a Sabedoria, e isso é equilibrado por outros seis versículos, versículos 13-18, que são dados à sua contraparte, Loucura. Mas o que deve ser feito com os seis intermediários versículos, versículos 7-11?

O argumento da falta de conexão do trecho analisado com o restante do capítulo não é uma unanimidade, porém surge na leitura de alguns autores como citado a pouco.

## 2.4. O Temor do Senhor como Elemento Pivotal: Entreatos

Ao iniciar a leitura da perícopes central, o leitor se depara com a antítese da Sabedoria. Neste ponto, o escarnekedor e o perverso entram em cena. Ambos estão ligados à afronta e à injúria. Etchevarne (2011, p. 3171) descreve a falta de humildade e o coração fechado daquele que não aceita a correção ou a repreensão, realidade observada no início desse trecho do capítulo. Treier (2011, p. 86) argumenta que é muito improvável acertar e prever quem reagirá de forma positiva ou negativa à repreensão. No entanto, há casos que são óbvios e o resultado já é guardado. Os comportamentos do escarnekedor e do perverso são uma reação à repreensão e à censura, demonstrando sua inabilidade de lidar com a disciplina. O versículo 8 do capítulo 9 de Provérbios contrasta o escarnekedor com o sábio. A afirmativa para não repreender o escarnekedor parece sugerir que há pessoas que não mudam. Gardner (2001, p. 52) sugere que, “em qualquer caso, esses versículos reconhecem que há uma incorrigibilidade em alguns homens. O professor de sabedoria não deve desperdiçar seu tempo e energia para aqueles que não estão dispostos a receber instrução”.

Ainda sobre a posição do escarnekedor diante da correção, Waltke (2013, p. 562) observa que “o sábio visa conduzir aqueles que são potencialmente educáveis a se arrepender e, desse modo, estabelecer com eles uma amizade espiritual verdadeira”. Assim, o sábio utilizará vários meios para guiar o escarnekedor ao arrependimento, mesmo sabendo da possibilidade de ser odiado. O comportamento do escarnekedor é o seu grande diferencial. O escarnekedor e o sábio reagem opostamente à repreensão. Enquanto o escarnekedor oferece ódio e aborrecimento, o sábio oferta amor e apreço àquele que o repreende.

No versículo 9 não há mais menção do escarnekedor ou do perverso. O foco muda para o sábio. Arnold e Beyer (2015, p. 294) ressaltam que o relacionamento do sábio com Deus e sua aceitação dos caminhos dele são fatores distintivos. Quanto mais perto do temor do Senhor, mais o enquadramento se concentra no sábio. Ele aceita a instrução e se apresenta como alguém disposto a aprender para ser mais sábio do que é. De acordo com Brown (1971, p. 423), o sábio é aquele que se apropria de toda instrução que provém de Deus e não perde tempo. Rapidamente o justo sobe ao palco como exemplo de aluno suscetível ao ensino. Ele não apenas possui como adquire mais prudência.

Deste modo, o elemento pivotal do texto se encontra no versículo 10. Para Hill e Walton (2009, p. 587), o temor do Senhor pode ser descrito nos seguintes termos:

Finalmente, a ideia do temor do Senhor impede que a sabedoria proverbial degenera num sistema rígido e mecanicista de relações de causa e efeito. Isso evita simplificar demais as complexidades da vida e oferecer respostas prontas para perguntas difíceis. O temor do Senhor preserva a natureza inescrutável (ou incognoscível) de Deus e mantém o profundo mistério da vida. Estas qualidades ajudam-nos a explicar a tensão entre as duas vertentes da sabedoria hebraica – as instruções para a vida ideal e as discussões sobre as questões desgastantes da vida real.

A expressão “temor do Senhor” é mencionada em 14 versículos somente em Provérbios (1:7; 1:29; 2:5; 8:13; 9:10; 10:27; 14:26; 14:27; 15:16; 15:33; 16:6; 19:23; 22:4; 23:17). Yee (2014, p. 609) afirma que “todo o ensino de Provérbios 1–9 está resumido no versículo 10: o temor do Senhor é o princípio da sabedoria, levando a uma vida longa e bem-sucedida (9:11-12)”. Segundo Routledge (2016, p.162), o temor do Senhor é resultado de um relacionamento:

A sabedoria no AT tem, no entanto, uma importante dimensão teológica, e em Provérbios está intimamente ligada ao “temor do Senhor” (1:7; 8:13; 9:10; 15:33; cf. Dt 10:12-13, 20). A sabedoria vem de Deus e, embora alguns aspectos dela possam estar disponíveis de forma mais geral, a verdadeira sabedoria é encontrada no relacionamento com Deus.

Interrompendo o fluxo poético da perícope central, a personificação da Sabedoria torna a discursar. O temor do Senhor é o gatilho para a fala da Sabedoria. O versículo 11 pode indicar que o temor do Senhor era o convincente argumento esperado para reafirmar o convite feito no versículo 6. Nichol (2012, p. 1097) argumenta que “a sabedoria volta a explicar por que os simples devem comparecer à festa. Uma vida longa é oferecida como recompensa pela sabedoria e pelo temor do Senhor (ver Pv 3:2, 16; 4:10; 10:27)”. Logo, a vida prometida no apelo da Sabedoria é legitimada e reforçada pelo temor do Senhor. Destarte, os argumentos evidenciam que a perícope analisada está entrelaçada integralmente com o capítulo inteiro, sendo uma unidade robusta e coesa.

## 2.5. A Loucura e o Temor: Ato II

A terceira alegoria inicia com uma narrativa descrevendo nuances da personificação da Loucura. Murphy (1983, p. 62) argumenta que a estrutura básica não gira em torno da Sabedoria somente, mas também da personificação da Loucura. O narrador aponta aspectos internos do caráter dela. Segundo Walton (2003, p. 2021), a Loucura é espalhafatosa, rebelde e resistente ao conhecimento. O versículo 13 indica características de uma mulher passional. Para Champlin (2018, p. 2582), o termo *petî*, que na grande maioria das versões bíblicas é traduzido como “simples”, nesse versículo pode ser entendido como “corrupta” ou até mesmo “devassa”. MacArthur (2019, p. 1286) salienta o exibicionismo da Loucura no início de sua descrição com um tom de imoralidade (ver Harrison, 2017, p. 33).

Enquanto no primeiro versículo dessa porção a análise é sobre quem é a Loucura, o versículo 14 se concentra no que ela faz. Waltke (2013, p. 567) descreve o ócio da rival da Sabedoria que “sem haver preparado a refeição, misturado e decantado o vinho, posto à mesa e enviado mensageiros”, se assenta indolentemente na frente de sua casa. Sua ação reflete sua indisposição em efetuar alguma atividade significativa. Ela simplesmente ajeita sua cadeira e se acomoda à frente de sua casa, que coincidentemente fica em um local privilegiado da cidade. Para Jamieson, Fausset e Brown (2003, p. 589), o comportamento conspicuo é um indicativo de sua arrogância.

O texto apresenta uma mulher oportunista que aguarda o momento certo para encantar as pessoas que distraidamente se aproximam de sua casa. Como declara Champlin (2018, p. 2582):

O texto sagrado supõe que aqueles que passam (v. 15) pertençam, em sua maioria, à categoria dos simples. Algum ocasional e experimentado sábio também passa, mas não dá ouvidos ao convite da Rainha dos Pecados. Até mesmo os simples seguem seu caminho. Eles não estão procurando a corrupção, embora não tardem a ser desviados do reto caminho e a ser corrompidos. O texto sagrado fala em sedução. E também devemos compreender que, embora seja fácil para a Senhora Insensatez lançar o seu convite, ela encontra pouca resistência da parte daqueles que são seduzidos pelo próprio coração.

Assim, a Loucura seduz a todos que estão andando no bom caminho, mas que inadvertidamente transitam nas mediações de sua casa.

O versículo 16 é um convite aos que estão circulando ao lado da morada da Loucura. Bruce (2008, p. 918) comenta que a mesma palavra que aparece para descrevê-la é a que ela utiliza em seu convite, ou seja, ela não está em uma situação melhor que seus convidados. Esses pedestres estão no caminho certo, contudo ainda estão no limiar do alcance dela. Ela prepara seu discurso chamando primeiramente a atenção dos que são jovens e inexperientes. Aqueles que iniciaram bem, mas ainda têm muito o que aprender. Aceitar ao sutil convite para uma aproximação sem comprometimento desencadeia a possibilidade de a Loucura influenciar seu ouvinte. Segundo Clarke (1996, p. 1724), aceitar o chamado da Loucura é adentrar na escuridão e participar de sua insanidade.

A proposta da Loucura é ilícita, capciosa e imoral. Alguns autores apontam uma conotação sexual nas entrelinhas do discurso dela (ver Waltke, 2013, p. 570; Yoder, 2009, p. 155; Henry, 2002, p. 15; Carson *et al.*, 2009, p. 721). A seção inicia com um incentivo ao roubo e termina com uma sugestão ao furto. Tanto a água quanto o pão são frutos de uma ação proibida. Bruce (2008, p. 918) destaca:

Em vez da comunhão franca e aberta da refeição compartilhada com sabedoria (v. 5), há uma conspiração secreta do v. 17, roubada talvez sugerindo que o mal é parasítico do bem; até mesmo os prazeres do pecado dependem da boa criação de Deus para proporcionarem o prazer que possam dar.

A ênfase observada na ilegalidade do processo de adquirir os alimentos é o que distingue seu discurso da Sabedoria. Ela não possui pudor algum ao instigar seu ouvinte a quebrar as leis e se rebelar contra os mandamentos. Para Kidner (1980, p. 81), o diálogo lembra o livro de Gênesis, quando Eva foi persuadida a tomar e comer do fruto proibido, desobedecendo uma ordem ou mandamento claro de Deus. A violação direta do decálogo expõe as intenções prévias da personificação da Loucura.

Antes mesmo do ouvinte refletir e responder a tentação, o narrador informa o leitor que ali onde está a Loucura estão os mortos. Ou seja, é muito provável que ela more em um cemitério. O conhecimento dessa informação é um argumento válido para a recusa do convite. Hilber (2009, p. 391) sugere que a palavra מֵתִים utilizada para mortos indica submundo e aparece fora do livro de Provérbios com sentido semelhante (Jó 26:5; Sl 88:10-11; Is 14:9; 26:14). A Loucura tece sua argumentação com sagacidade para conduzir o máximo de ouvintes para o seu calabouço fúnebre do pó da terra. Para aqueles que aceitam o convite, as luzes se apagam e não há plateia nem aplausos.

## 2.6. Duas Mulheres e uma Escolha: Desfecho

O contraste marcante entre a Sabedoria e a Loucura é descrito em todo o capítulo 9 de Provérbios. Para Meyer (2002, p. 338), existe uma dicotomia ininterrupta entre as duas oponentes que claramente representam a virtude e a maldade. A Loucura não tem as mesmas características de sua rival e seu potencial para competir é ínfimo. Ela praticamente copia o discurso inicial da Sabedoria. Os versículos 4 e 16 são quase idênticos em sua estrutura (ver Waltke, 2013, p. 569; Clarke, 1996, p. 1724). O público-alvo é exatamente o mesmo para as duas. Contudo, as semelhanças terminam quando elas revelam o que têm para oferecer. A Loucura é vazia, não pode dar nada além de morte para os seus ouvintes, ao passo que a Sabedoria tem um banquete para ofertar àqueles que escolhem ouvir sua voz.

A Sabedoria vai até seus ouvintes, enquanto a Loucura espera sentada em frente de casa. Gardner (2001, p. 53) concorda que “ela se senta na porta como uma mulher sexualmente

apaixonada e sedutora e tenta os homens que passam com os prazeres da relação sexual”. Uma é dinâmica e eficiente, já a outra é preguiçosa e indolente. As duas convergem para o mesmo alvo, a saber: o inexperiente e jovem. Elas não dialogam, nem buscam os outros personagens do texto. Há algumas possibilidades para não existir um convite para o sábio e para o escarnekedor. O sábio já decidiu buscar o conhecimento e conseqüentemente o temor do Senhor. Já o escarnekedor não quer saber de nada relacionado à Sabedoria, rejeitando também o temor do Senhor.

O jovem ou inexperiente se depara com duas mulheres e a dramática escolha por elas representada: viver ou morrer. Arnold e Beyer (2015, p. 294) assim defendem:

O livro de Provérbios continua os temas de outras partes do Antigo Testamento, contrastando duas maneiras de viver a vida. Por um lado, há aqueles que rejeitam as leis de Deus e se recusam a cumprir a sua aliança. Provérbios designa esses indivíduos como “tolos” e suas escolhas de vida como “loucura”. Por outro lado, aqueles que mantêm cuidadosamente o seu relacionamento com Deus e aderem aos seus caminhos são chamados de “sábios” e as suas vidas são caracterizadas pela “sabedoria.

O ponto central para prever qual será a decisão de cada jovem é saber qual a relação que este tem com o temor do Senhor. Courson (2006, p. 499) entende que “o temor do Senhor é amá-Lo, ouvir Sua canção tão claramente que o canto da sereia do pecado seja completamente abafado”. Se ele entender o temor como reverência, respeito e admiração inevitavelmente, aceitará o convite da Sabedoria. Porém, se o temor é compreendido como pavor e medo, a Loucura terá grande chance de angariar mais um candidato para morar em sua casa.

O apelo para os jovens não está na perícope do início ou no bloco do final, mas se encontra no centro do capítulo. A parte principal de decisão está no meio. Sabendo dessa informação privilegiada, a Sabedoria surge e roga aos seus ouvintes. Ela quebra a estrutura de poesia no versículo 11 e revela o que tem de melhor: a vida. Evans (2019, p. 1046) concorda que “você não pode comprar anos para aumentar sua vida útil. Mas, se você aceitar o convite para o banquete da Sabedoria (9:1-5), ela o impedirá de morrer prematuramente por tolice (9:11)”. A Loucura não ousa discursar na porção de versículos central pelo simples fato de não ter o que oferecer.

Há uma disputa entre as duas mulheres. A protagonista e antagonista competem pela decisão dos jovens ou inexperientes. Não existe neutralidade na alegoria. Duas opções são ofertadas e elas aguardam uma resposta da audiência. O pano de fundo ou palco desse drama é um conflito. Não uma mera batalha, mas o grande conflito que permeia todo o Universo. White (2007, p. 131) diz:

Cada um deve ocupar sua posição, e ser aquilo que Deus designa que ele seja, como espetáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens. Todo o Universo olha com inexprimível interesse para ver a obra final do grande conflito. Todo cristão deve ser uma luz, não escondida sob um alqueire, ou debaixo da cama, mas posta no velador, para que a luz se comunique a todos quantos se acham na casa.

Ao término da alegoria as luzes se apagam, as cortinas se fecham, mas o drama é transferido para a mente do leitor. A vida e a morte se personificam em mulheres com um convite e o texto espera que o leitor decida a qual apelo ele aceitará.

### 3. Considerações Finais

O presente estudo verificou a existência de uma estrutura de paralelismo inverso na perícopes do capítulo 9:8-12. Esse paralelismo invertido aponta para o versículo 10 destacando o “temor do Senhor” como centro do quiasmo. O versículo 10 possui um paralelismo sinonímico. O capítulo 9 possui três perícopes que dialogam entre si, estando intrinsecamente interligadas. Constatou-se que o trecho central (9:8-12) não é independente, acidental ou aleatório. Assim como averiguou-se a presença de um apelo ao leitor com o intuito de levá-lo à tomada de decisão.

A ausência do bloco central no capítulo 9 de Provérbios revelaria no mínimo uma sequência ilógica ou uma lacuna no fluxo da narrativa, pois ele está interligado aos trechos anterior e posterior. Bem como a aceitação da morte ou da vida, ofertado pelas duas mulheres é o resultado inequívoco da maneira como o leitor compreende o temor do Senhor, através do conhecimento do Santo de Israel. Para o leitor, não há neutralidade e a escolha é inevitável.

A maior limitação encontrada na realização da pesquisa foi a ausência de bibliografia atualizada. Existem várias obras que tratam do assunto pesquisado em português e inglês, como também em espanhol, porém foram produzidas e publicadas antes de 2019.

Quatro temas novos surgiram no decorrer da pesquisa, contudo devido às limitações de espaço e foco poderão ser estudados em futuros trabalhos acadêmicos. São os seguintes: 1) as nuances entre o termo “temor do Senhor” descrito em Provérbios capítulo 1 e 9; 2) as semelhanças gramaticais entre o capítulo analisado e o último capítulo do livro de Provérbios; 3) a comparação entre a mulher virtuosa do capítulo 31 e a Sabedoria personificada no capítulo 9; e 4) a conexão do “temor do Senhor” com os outros livros sapienciais.

### Referências

ARNOLD, B. T.; BEYER, B. E. **Encountering the Old Testament: a Christian survey**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2015.

BARTON, J.; MUDDLIMAN, J. **The Oxford Bible commentary**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2019.

BROWN, R. E. **Comentário Bíblico San Jeronimo**. Madri: Ediciones Cristiandad, 1971.

BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, Roland E. (Ed.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo Antigo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2008.

CARRO, D.; POE, J. T.; ZORZOLI, R. **Comentário bíblico mundo hispano: Provérbios, Eclesiastes e Cantares**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. (Eds.). **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

- CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2018.
- CHAPMAN, M. L.; PURKISER, W. T.; WOLF, E. C.; HARPER, A. F. **Comentário bíblico Beacon: Jó a Cantares de Salomão**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005.
- CLARKE, A. **Poetic Books – Job to Song of Solomon**. Albany, OR: Sage Software, 1996. v. 3.
- CLIFFORD, R. J. **The Old Testament Library**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1999. v. 15.
- DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- DOUKHAN, J. B. **Proverbs**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2013.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- ELLISEN, S. A. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 1993.
- ETCHEVARNE, C. **Bíblia: los libros sapienciales**. Estella: Verbo Divino, 2011.
- EVANS, T. **The Tony Evans Bible commentary**. Nashvillem TN: Holman Bible Publishers, 2019.
- FEE, G. D. **Entendes o que lê? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GARDNER, P. **Comentário Bíblico Broadman**, v. 5: Provérbios a Isaías. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 2001.
- HARRIS, R. L.; ARCHER, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HARRISON, E. F. **Comentário bíblico Moody**. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2017. v. 1.
- HENRY, M. **Comentário bíblico: edição atualizada ao século 21**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002.
- HILBER, J. **Zondervan illustrated Bible backgrounds commentary: Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, and Song of Songs**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009. v. 10.
- HILL, A. E.; WALTON, J. H. **A survey of the Old Testament**. 3. ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009.

HORNE, M. P. **Smyth & Helwys Bible Commentary: Proverbs & Ecclesiastes**. Macon, GA: Smyth & Helwys, 2003.

JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. **Comentario exegetico y explicativo de la Biblia**. Antigo Testamento. Barcelona: CLIE, 2003. v. 1.

KIDNER, D. **Provérbios**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980.

KIDNER, D. **Tyndale Old Testament commentaries: Proverbs**. Westmont IL: InterVarsity, 1964. v. 17.

KOPTAK, P. E. **Proverbs**. The NIV Application Commentary. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003. v. 15.

LONGMAN III, T.; GARLAND, D. E. (Eds.). **Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs & Isaiah**. The Expositor's Bible Commentary. Ed. rev. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008. v. 12.

LOPES, H. D. **Provérbios**. São Paulo: Hagnos, 2016.

MACARTHUR, J. **Comentário bíblico MacArthur**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

MACDONALD, W. **Comentário bíblico popular: Antigo Testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MEYER, F. B. **Comentário bíblico do Antigo e Novo Testamentos**. Belo Horizonte: Betânia, 2002.

MURPHY, R. E. **Proverbs**. Word Biblical Commentary. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998. v. 22.

MURPHY, R. E. **The Forms of the Old Testament Literature: Wisdom literature. Job, Proverbs, Ruth, Canticles, Ecclesiastes, and Esther**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983. v. 13.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012. v. 3.

OSBORN, G. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

RADMACHER, E. D.; ALLEN, R. B. **Novo comentário bíblico Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010.

ROUTLEDGE, R. **Old Testament introduction: text, interpretation, structure, themes**. Nova York: Apollo, 2016.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

TREIER, D. J. **Brazos theological commentary on the Bible: Proverbs & Ecclesiastes**. Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2011.

VANHOOZER, K. J. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.

WALTKE, B. K. **Comentário do Antigo Testamento em Provérbios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

WALTKE, B. **The Book of Proverbs: chapters 1-15**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

WALTON, J. H.; MATTHEWS, V. H.; CHAVALAS, M. W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALTON, J. H.; KOPTAK, P. E.; PROVAN, I. W.; WILSON, G. H. **Wisdom Books**. The NIV Application Commentary. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003. v. 3.

WALTON, J. **Comentário bíblico Atos: Antigo Testamento**. Belo Horizonte, MG: Atos, 2003.

WHITE, E. G. **Profetas e reis**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WIERSBE, W. W. **Comentário bíblico expositivo do AT: Poéticos**. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2010. v. 3.

YEE, G. A. **Fortress commentary on the Bible: the Old Testament and Apocrypha**. Mineápolis, MN: Fortress, 2014. v. 1.

YODER, C. R. **Proverbs**. Abingdon Old Testament Commentaries. Nashville, TN: Abingdon, 2009. v. 18.